

H I S T Ó R I A

& U T O P I A S



ORGANIZAÇÃO
Ilana Blaj
John M. Monteiro

A N P U H

Associação Nacional de História

HISTÓRIA & UTOPIAS

*Textos apresentados no XVII Simpósio
Nacional de História*

Organização
John Manuel Monteiro
Ilana Blaj

A N P U H

Associação Nacional de História

1996

IMAGENS DE PERSUASÃO DA MODERNIDADE NA EXPOSIÇÃO DE 1881

Almir Pita Freitas Filho
Universidade Federal do Rio de Janeiro

A Exposição de 1881: a primeira exposição da indústria no país

A Exposição de 1881 foi inaugurada na Corte do Rio de Janeiro a 12 de dezembro, encerrando-se no dia 30 de janeiro de 1882. Dela participaram cerca de 1.120 expositores com 8.000 objetos vistos por, aproximadamente, 6.200 pessoas.¹

Organizada e levada a cabo pela Associação Industrial, seus promotores e alguns jornais da época a consideraram como a primeira verdadeiramente industrial realizada no país. O *Jornal do Comércio*, noticiando o evento, afirmou ter ela um aspecto inteiramente diferente das anteriores, uma vez que:

(...) as riquezas naturais do nosso solo aparecem também agora (...), mas não ocupam, como nas antecedentes exposições, nove décimos do espaço (...) O produto figura ali, mas transformado pela mão da indústria, e para que a lição seja mais eloqüente e proveitosa, a indústria em ação [indústria mecânica] apresenta-se no presente certamente (...) em grandes proporções.²

A *Gazeta de Notícias*, por sua vez, considerou-a como “(...) a mais completa e que mais perfeita idéia pode dar dos diversos ramos da indústria do país.”³

Em geral as Exposições transcendiam a mera função de expor a produção material e cultural de um determinado período, tornando-se palco de divulgação de idéias. Eram, portanto, eventos de conotação política: transfor-

1 Biblioteca da Associação Industrial do Rio de Janeiro, *Archivos da Exposição da Indústria Nacional*, Rio de Janeiro, 1882, p. XVIII.

2 *Jornal do Comércio*, 12 de dezembro de 1881, p. 1.

3 *Gazeta de Notícias*, 12 de dezembro de 1881, p. 1; *Archivos, op. cit.*, pp. XVIII-XXI.

mando-se em espaços de persuasão e de difusão de uma mentalidade modernizadora, alicerçada no desenvolvimento tecnológico, no uso das máquinas, no ensino profissional e na adoção de medidas protecionistas para a indústria. Eram, enfim, ocasiões propícias para o exercício de auto-afirmação e de explicitação de demandas particulares, assim como para instigar mudanças na visão e no comportamento em relação a certos setores da vida econômica do país. Em relação a agricultura, por exemplo, eram feitas críticas à situação de atraso e rotina que dominava o setor, ao mesmo tempo em que se procura divulgar as vantagens do uso das máquinas e de um cultivo mais “racional”. Já para a indústria fabril, era através da divulgação de seus produtos e das condições de sua produção, que se dava conhecimento, ao público e às autoridades governamentais, do quadro da produção interna, com o objetivo de reduzir o preconceito contra os produtos nacionais.⁴

Nesse sentido a Exposição de 1881 apresentou uma peculiaridade em relação às anteriores. Ela se realizou num momento de retomada dos investimentos no setor fabril, em especial o têxtil, os anos 1880-84, onde também se desenvolvia, por parte de uma camada da elite brasileira, uma mentalidade questionadora do caráter primário-exportador da economia do país. Foi, com certeza, em decorrência desses fatos que o evento expressou com mais nitidez os interesses das forças sociais que buscavam assegurar a sobrevivência e expansão da atividade industrial.⁵

Segundo seus promotores, uma das principais vantagens da Exposição foi a de ter afirmado a necessidade de uma proteção eficaz para o setor.

Felizmente a Exposição da indústria nacional, (...) veio chamar a atenção do país para a necessidade de uma política francamente protecionista. O espírito público sentiu-se abalado diante dos resultados que já com glória apresentam

4 Sobre as Exposições ver: Francisco Foot Hardman, *Trem Fantasma. A modernidade na selva*, São Paulo, 1988; Margarida de Souza Neves, *As Vitrines do Progresso*, Rio de Janeiro, 1986; Pascal Ory, 1889. *L'Expo Universelle*, Bruxelles, 1989; Sandra Jatahy Pesavento, *Exposições Universais: palcos de exibição do mundo burguês — em cena Brasil e Estados Unidos*, Porto Alegre, UFRGS, 1991 (xerografado); Werner Plum, *Exposições Mundiais do Século XIX: espetáculos das transformações sócio-culturais*, Bonn, 1979; Madeleine Reberieux, org., “Mise en Scene et Vulgarisation: L'Exposition Universelle de 1889”, *Le Mouvement Sociale*, nº 149, Paris, Les Editions Ouvrières, octobre-décembre, 1989.

5 Stanley J. Stein, *Origens e Evolução da Indústria Têxtil no Brasil — 1850/1959*, Rio de Janeiro, Campus, 1979, p. 23 e segs.; Eugene W. Ridings, “Business Associationalism, the Legitimation of Enterprise, and the Emergence of a Business Elite in Nineteenth-Century Brazil”, *Business History Review*, 63, nº 4, winter 1988, p. 785.

*muitas de nossas indústria, sentiu-se pesaroso em face ao atraso de outras e daquele vasto campo de estudo ergue-se um possante brado em prol da indústria nacional.*⁶

Os produtos enviados foram classificados em cinco seções básicas: Produtos Naturais e Agrícolas; Máquinas e Aparelhos; Produtos Industriais em Geral; Belas-Artes; e Instrução Pública. Cada uma das seções era subdividida em Grupos e esses, por sua vez, em Classes. E, apesar da ausência de diversas províncias e de conhecimentos industriais, que, segundo os organizadores, não permitiu uma visão exata da riqueza e prosperidade do setor, poucas classes e grupos deixaram de estar representados.

Na conjuntura dos anos 80, a Exposição de 1881 pode ser vista como um instrumento de persuasão, criador de um clima favorável à adoção de medidas de apoio a um dos símbolos da modernidade, a indústria fabril, através de uma política econômica “moderna”, o protecionismo alfandegário.

A indústria fabril na Exposição de 1881: fragmentos de uma modernização em processo

Na terceira Seção, a de “Produtos da indústria em geral” se concentrou o que foi considerado como a parte mais rica e diversificada da Exposição, no sentido de que englobava um dos símbolos da modernidade, capaz de atenuar a feição eminentemente agrária da economia do império. Na visão otimista dos industrialistas:

*O que foi exposto nessa seção atesta o progresso da nossa indústria manufatureira em um sem número de suas manifestações e deve ter desconcertado os que ainda duvidavam da existência e perícia da indústria nacional.*⁷

A “modernidade” estava representada pela produção manufatureira exposta pela fábricas de tecidos de algodão e de lã, tais como a Petropolitana, Santo Aleixo, Aliança, Brasil Industrial, Rink, do Rio de Janeiro; Cedro e Cachoeira de Minas Gerais; Rheingantz, do Rio Grande do Sul. Quase todas empregavam mais de cem operários; utilizavam motores hidráulicos ou a vapor na movimentação de suas máquinas; algumas fiavam e teciam, além de produzirem padrões diversos de tecidos, telas para beneficiamento e sacos para acondicionamento de produtos agrícolas para exportação, assim como fardamentos para soldados e outros artigos de lã.⁸

6 *Archivos, op. cit.*, p. XXVII.

7 *Idem, ibidem*, p. LXXII

8 *Idem, ibidem*, pp. LXXXII-CI.

Em função da qualidade dos bens produzidos, da organização da produção, da mecanização, enfim, por indicarem o caminho da modernidade econômica, outras fábricas também se destacaram. Dentre elas as de fabricação de móveis, como a de Moreira, Santos e Cia.; de calçados; fabricação de chapéus de feltro, lã e pêlo; os produtos químicos e farmacêuticos, tais como perfumes, tintas, vernizes, banha, sabão, velas da Cia. Luz Steárica: produtos alimentares; refino de açúcar; fabricação de gelo; de chocolate; gráficas; material de transportes e acessórios para estradas de ferro (Oficinas da Estrada de Ferro Dom Pedro II e Rohe Irmãos).⁹ Os produtos de cerâmica, vidros, telhas e tijolos, louça branca, preparados de fumo, estavam presentes juntamente com os aparelhos elétricos, telégrafos e telefonia. A “fada eletricidade” fazia sua aparição através das lâmpadas, Siemens e Edison, que iluminavam o Palácio da Exposição, o parque e as galerias de máquinas.¹⁰ Na mesma ocasião era exposto e apresentado de forma elogiosa pela imprensa, o querosene, inexplorativo e desinfetado de Lopes Cardoso, combustível amplamente utilizado para iluminar ambientes mais modestos.¹¹

As fábricas de tecidos de algodão, um dos setores mais bem organizados no tocante à solicitação de medidas protecionistas, e onde mais facilmente se podia verificar a presença de “forças modernizadoras”, apresentavam o seguinte quadro.

Um total de dezesseis fábricas participavam da Exposição; o dobro do número de participantes da Primeira Exposição Nacional realizada em 1861. Estavam presentes desde fábricas antigas como a Santo Aleixo, estabelecida no distrito de Magé, Rio de Janeiro, até estabelecimentos recém instalados, como a fábrica Aliança, inaugurada em 1880 no município da Corte no Rio de Janeiro.

Os organizadores no entanto asseguraram ter obtido informações da existência de 46 fábricas têxteis, com um capital de aproximadamente dez mil réis, empregando cerca de 3600 operários e produzindo anualmente cerca de 22 mil metros de tecidos para os quais utilizavam cerca de 4.500.000 quilos de algodão.¹²

Dentre as 46 o maior número, 12, se concentrava na província da Bahia, vindo a seguir o Rio de Janeiro, incluindo a Corte, com 11, São Paulo e Minas Gerais com 9, cabendo uma a cada província do Paraná, Rio Grande do Sul, Alagoas, Pernambuco e Maranhão.

9 *Idem, ibidem*, p. CIV.

10 *Jornal do Comércio*, 12 de dezembro de 1881, p. 1.

11 *Gazeta de Notícias*, 26 de dezembro de 1881, p. 1.

12 *Archivos, op. cit.*, p. XCVI.

Estavam representadas na Exposição oito das onze fábricas têxteis do Rio de Janeiro. A segunda representação era de Minas Gerais, com 4, vindo a seguir as províncias da Bahia, Alagoas, São Paulo e Paraná com uma fábrica cada.

Uma observação mais detida sobre os aspectos da tecnologia fabril permite avaliar o grau de difusão da modernidade no setor. Trata-se de um indicador que permite estabelecer uma diferenciação com a produção artesanal, além de indicar as possibilidades de aumento na produção, de aprofundamento no processo de disciplinarização da força de trabalho, e da instauração de um processo produtivo mais independente dos condicionamentos agrários e comerciais, instalando a chamada grande indústria ou o sistema de fábrica.

A Exposição de 1881 constatou a existência de fábricas de pequeno porte, como as mineiras, e de outras que podiam ser consideradas como representantes da chamada grande indústria. Sob esse tema a *Gazeta de Notícias* assim se manifestou:

Um rápido lance de vista pela sala dos tecidos, dá-nos logo a expressão das fábricas ali apresentadas. Há uma intuição que nos indica as que são grandes ou pequenas, as que usam de processos modernos ou vivem ainda obscuramente e obstinadamente na infantilidade da indústria, (...) Umás podem entrar para o quadro das grandes indústrias, e outras para o acanhado círculo das indústrias domésticas.¹³

No que se refere à mecanização, em particular ao uso de motores para movimentação das máquinas de fiar e/ou tecer, observa-se o predomínio do motor hidráulico. Oito dentre as dez fábricas adotavam essa modalidade de força motriz. O motor a vapor, de emprego ainda tímido, era a força exclusiva de duas fábricas, embora aparecesse como complemento em outras três.

Os historiadores da tecnologia em geral relacionam o uso do motor hidráulico à localização das primeiras fábricas próximas aos rios e quedas d'água. Trata-se, sem dúvida, de uma condição importante, no sentido de influenciar na escolha da instalação. Os depoimentos são claros nesse sentido, assim como algumas pesquisas.¹⁴ Porém mesmo a força gratuita da água podia

13 *Gazeta de Notícias*, 16 de dezembro de 1881, p. 1.

14 Cf. A. E. Musson, "Industrial Motive Power in the United Kingdom, 1800-1870", *The Economic History Review*, vol. XXIX, nº 3, August 1976, pp. 414-39; Peter Temin, "Steam and Water Power in the Early Nineteenth Century", *Journal of Economic History*, vol. XXVI, nº 2, June 1966, pp. 187-205; Ryoshin Minami, "Mechanical Power in the Industrialization of Japan", *Journal of Economic History*, vol. XXXVII, nº 4, December 1977, pp. 935-58.

causar transtornos à produção em épocas de estiagem.¹⁵No início da década de 1880, esse já era um problema que começava a atingir algumas fábricas presentes na Exposição, que informaram também dispor de, ou estarem instalando, máquinas a vapor como força complementar e/ou alternativa.

Os proprietários da fábrica de tecidos da Cachoeira, próxima à cidade de Curvelo em Minas Gerais, que trabalhava com um motor hidráulico de 50 CV de força motriz, informavam estar montando uma máquinas a vapor de 20 CV que auxiliaria a turbina face às exigências de aumento da produção.¹⁶

A fábrica do Cedro, também pertencente aos Mascarenhas, e cujo trabalho corrente era feito com uma roda hidráulica com a força de 40 CV, possuía um motor auxiliar a vapor de 20 CV para às épocas de estiagem. Esse motor utilizava caroços de algodão como combustível¹⁷ que era facilmente disponível na localidade, com certeza obtido a custos mais baixos e mais barato do que o carvão, em geral importado. A lenha também era outra alternativa de combustível para os estabelecimentos fabris que dispunham de máquinas a vapor.

A fábrica Brasil Industrial, situada na localidade de Macacos no Rio de Janeiro, além de possuir três turbinas hidráulicas que totalizavam 340 CV de força motriz para realização do serviço corrente, contava ainda com duas máquinas a vapor de 120 CV cada, para enfrentar as estiagens. Essa fábrica foi considerada pelos organizadores como a mais importante do país, com certeza em função do “gigantismo” de seus números referentes à produção anual de 3.200.000 metros de tecidos, de trabalhadores, de teares e fusos, assim como do capital empregado.¹⁸

As fábricas que usavam exclusivamente o vapor haviam sido fundadas recentemente. Era elas a Rink (1879) e Aliança (1880), ambas localizadas na Corte do Rio de Janeiro. A primeira, só dedicada à tecelagem, possuía um motor de 30 CV que movimentava 110 teares. Já a Aliança, de fiação e tecelagem, possuía uma máquina a vapor com potência máxima de 320 CV, embora trabalhasse com apenas 200.¹⁹

A variedade de tecidos apresentada, os dados sobre a produção anual, consumo de algodão, uso e potência dos motores, número de teares e fusos, pessoal empregado, assim como informações sobre as práticas paternalistas (escolas para operários, moradias), além de darem um panorama do estágio de

15 Stein, *op. cit.*, p. 37.

16 *Archivos, op. cit.*, p. XCVI.

17 *Idem, ibidem*, p. XCIII.

18 *Idem, ibidem*, pp. XC-XCI.

19 *Idem, ibidem*, pp. XCI, XCII e XCV.

progresso alcançado pelas unidades fabris, tinham um claro objetivo de apresentá-las como instrumentos exemplares na conformação de uma nova fachada para o país, diferente da assentada na atividade agro-exportadora. O trecho a seguir é bastante enfático nesse ponto:

(...) no futuro industrial fabril, longe de se ver uma causa de ruína para o país, como muitos equivocadamente acreditam, descobre a afirmação da grandeza e da prosperidade do Brasil (...) É na indústria fabril que devem basear-se as mais auspiciosas esperanças de nossa prosperidade; é esse o livro a que devem ser pedidos os melhores conselhos para resolução dos problemas filiados à transformação do trabalho, aspiração nacional, que está exigindo todos os desvelos da atualidade.²⁰

Para os defensores do protecionismo, a Exposição de 1881 desempenhava a função de mostra argumentativa, voltada para a promoção do setor, capaz de envolver autoridades e público deixando-os menos indiferentes, menos refratários, a suas solicitações por tarifas mais elevadas. Tratava-se de um jogo onde, a apresentação de imagens e dados tinha o objetivo de impressionar, informar e criar um clima favorável às demandas tarifárias dos industrialistas.

Porém as respostas nem sempre foram aquelas esperadas pelos membros da Associação Industrial. Num aparente paradoxo, desses mesmos dados, dessas mesmas imagens, uma outra leitura era feita pelos adversários do protecionismo. Para a imprensa, em particular a *Gazeta de Notícias*, esses indicadores eram como exemplos de um crescimento ocorrido na ausência de medidas de amparo e de proteção. A atividade fabril era viável sim, mas por força da iniciativa individual, bastando para tal a adoção de medidas administrativas, com um bom gerenciamento; de melhorias na qualidade dos produtos; e de uma organização adequada da produção, através do uso de máquinas, de novas técnicas, que dispensariam a proteção tarifária.²¹

As vantagens do uso das máquinas, para melhorar a qualidade dos produtos, diferenciando-os dos processos artesanais, e vencer a concorrência, afastando a necessidade de se recorrer à proteção, eram assim destacadas pelo diário:

Só as máquinas aperfeiçoadas podem hoje lutar com vantagem nos domínios da indústria, porque só elas podem produzir

20 José Pereira Rego Filho, *O Brasil em Buenos Aires: Conferência efetuada, em 30 de abril de 1882 no Palácio da Exposição Continental de Buenos Aires*, Rio de Janeiro, 1882, p. IV.

21 *Gazeta de Notícias*, 18 de dezembro de 1881, p. 1.

*muito com pouco ou quase nenhum dispêndio de forças animadas.*²²

As máquinas agrícolas na Exposição de 1881: imagens-suporte da modernidade

No campo da chamada “indústria agrícola”, a modernidade encontrava também no emprego e difusão das máquinas um dos seus argumentos mais recorrentes. Tais aparelhos haviam, sem dúvida, conseguido representar uma imagem do “progresso”, assimilada por quase todas as sociedades da época, industrializadas ou não, e associada a idéia de movimento, de ação, de busca permanente por um aperfeiçoamento, de caminhar para uma posição mais elevada.

Na Exposição de 1881, a seção de Máquinas e Aparelhos, subdividida em onze grupos, foi a que mais captou esse significado. A presença desses aparelhos era uma forma de exercício de persuasão, que instigava e intrigava o visitante, levando-o a pensar nos resultados que adviriam de seu uso. E, quando em funcionamento, as possibilidades de convencimento se tornavam mais reais, mais concretas.

A oportunidade de ver o “solene espetáculo” das máquinas em funcionamento parece ter sido uma das principais atrações da Exposição, fascinando o grande público, que afluiu em maior número naquelas ocasiões. A imprensa, por sua vez, publicou grandes anúncios indicando os dias e horários de funcionamento das máquinas, assim como o preço, mais elevado, da entrada. A *Gazeta de Notícias* assim descreveu a abertura da Exposição:

*Depois de Sua Majestade cumprimentar o compositor, a orquestra rompeu o hino nacional, que, semi-encoberto pelos assobios das máquinas a vapor e pelos sons do carrilhão, dava uma justa e aproximada idéia do trabalho infrene, confuso, desordenado. Em seguida S.M. o Imperador deu impulso a todas as máquinas (...)*²³

O nono grupo, que arrolava as máquinas agrícolas, onde sobressaíam as destinadas ao preparo e beneficiamento do café, se constituiu num espetáculo à parte. Nele se destacaram a máquina para colher café inventada por Pierre L. Saint-Juliá; as secadoras de Taunay-Telles e de Perez, que tornavam obsoleta a secagem do café em terreiros; descaroçadoras que substituíam os pilões,

22 *Gazeta de Notícias*, 20 de dezembro de 1881, p. 1.

23 *Gazeta de Notícias*, 13 de dezembro de 1881, p. 1.

evitando a inalação da poeira que se desprendia dos grãos de café; despoldadoras; ventiladores; brunidores; duas máquinas para beneficiamento completo do café; uma separadora de café através de corrente de ar; além de diversas peças tais como placas, bases, eixos, mancais e banquetas para despoldar e ventilar o café.²⁴

No processo de beneficiamento do café, uma das etapas mais importantes era a de livrá-lo das impurezas que persistiam após ter sido descascado e despoldado; para tal se empregavam os ventiladores.

Na exposição de 1881 foi destaque o ventilador Duprat, fabricado por Van Erven e Irmãos. A *Gazeta de Notícias*, descreveu-o tecnicamente e comentou a inovação que dava um melhor aproveitamento da força do jato de ar. Diferentemente dos tradicionais, no ventilador Duprat, a direção vertical do ar submetia os grãos de café, que caíam na mesma direção mas em sentido contrário, a um forte movimento que os fazia dar diversas voltas para, ao final, livres do pó, cascas e de fragmentos de pau, caírem sobre as peneiras que os separavam segundo as qualidades. A máquina era elogiada não só por sua utilidade, mas também pelo “belo” espetáculo que proporcionava aos visitantes através do mostrador de vidro no qual os grãos de café eram vistos “(...) como moscas a voarem, descreverem os mais caprichosos e variados movimentos que lhes comunica o jato de vento e que os limpa constantemente.”²⁵

Outra máquina de grande utilidade para os cafeicultores se destinava a separar o café em espécies diferentes, segundo o tamanho do grão (as de peneiras), ou sua densidade (as de corrente de ar). Era deste segundo tipo o engenho exposto por Henri Delforge, que se destacou não só pela economia de trabalho proporcionada, mas também pela possibilidade de uso junto com a mão-de-obra escrava:

*A máquina de Delforge completa, pois, o serviço das peneiras, e ainda que os resultados da operação necessitem de um aperfeiçoamento ou correção, feita pela mão do escravo, contudo reduz de 1/5, ou menos o trabalho deste.*²⁶

Um exemplo da capacidade criativa nacional como também do caráter progressista das máquinas para a modernização agrícola do país era a secadora mecânica de café inventada por Luiz Goffredo de E. Taunay e Augusto Carlos da Silva Telles, da qual foi apresentado um grande desenho. Além da solidez e simplicidade, as vantagens de seu emprego pareciam se

24 Associação Industrial do Rio de Janeiro, *Catálogo da Exposição da Indústria Nacional*, Rio de Janeiro, 1882, pp. 57-65. *Archivos, op. cit.*, pp. LXIV-LXV.

25 *Gazeta de Notícias*, 17 de janeiro de 1882, p. 1.

26 *Archivos, op. cit.*, p. 147.

concentrar na economia de mão-de-obra e de despesas com a construção e manutenção dos terreiros, que proporcionava aos fazendeiros de café.

Eram argumentos presentes na avaliação do júri, que considerou o engenho capaz de causar uma verdadeira revolução na “indústria” do café, ao substituir a ação solar pela do vapor d’água na extração da umidade dos grãos. Suas vantagens mecânicas e econômicas eram assim descritas:

Pelo lado mecânico é de uma singeleza que torna fácil seu manejo por um escravo e simples as reparações ou limpeza, assim como de uma solidez que evita desarranjos e diminui as resistências passivas, aumentando por consequência o efeito útil. Pelo lado econômico (...); o aparelho é de custo inferior a um bom terreiro; o trabalho consome um mínimo de combustível; impede os furtos de café que ordinariamente fazem os escravos nos terreiros: economiza extraordinariamente, reduzindo-o talvez a 50% do que é atualmente a mão-de-obra exigida pela operação de secamento; enfim regulariza as remessas para o mercado, dando ao fazendeiro a facilidade de aproveitar as boas ocasiões de venda do produto por mais repentinamente que elas se manifestem.²⁷

A imprensa também publicou pareceres e opiniões de agricultores e profissionais, dentre eles Louis Couty, que apontava para o fato da máquina de Taunay-Telles tornar a tarefa de secagem menos vulnerável aos “caprichos” da natureza, a uma chuva prolongada e inesperada, que podia arruinar o café estendido nos terreiros.²⁸

Do nono grupo podem ainda ser destacadas as descarçadoras e as que reuniam, num só aparelho, as diversas etapas do processo de beneficiamento do café.

Após os ventiladores, eram as descascadoras que estavam presente em maior número. A difusão destes aparelhos, desde meados da década de 70, vinha mostrando ser possível alterar o antigo método de descascar o café em engenhos de pilões. Desde a exposição de 1875, quando foi apresentado o “Concassor” de José Ribeiro da Silva,²⁹ surgiram novos e mais aperfeiçoados aparelhos.

27 *Idem, ibidem*, p. 155.

28 *Máquina de secar café Taunay-Telles*, Rio de Janeiro, , 1881, p. 14-19.

29 Para as máquinas agrícolas na Exposição de 1875 ver: Rozendo Muniz Barreto, *Exposição Nacional de 1875*, Rio de Janeiro, 1876, p. 66; *Concassor de Café. Nova máquina de preparar café*, Rio de Janeiro, 1875; Stanley J. Stein, *Vassouras. Um*

Na exposição de 1881 destacou-se o descascador “Congresso” do mesmo Ribeiro da Silva, e de propriedade de Correia da Rocha e Cia. Eram aparelhos que, segundo os jurados, vinham prestando bons serviços à lavoura e tendo grande aceitação entre os fazendeiros, principalmente os do município de Cantagalo no Rio de Janeiro. E, embora a maior amostra fosse de máquinas desta província, dois expositores, George Francisco Grand e Francisco de Assis Pereira de Andrade eram mineiros, de Juiz de Fora e Ouro Fino respectivamente.³⁰

A construção de máquinas destinadas ao preparo completo do café, que reunissem diversos aparelhos, desde o descascador até o separador, despertava o interesse da indústria mecânica da época. Em 1881 foram premiadas duas delas, apresentadas pelos Irmãos Hargreaves.³¹ Os comentários dos jurados sugeriam um futuro promissor para a construção e difusão desse tipo de instrumento. Era assinalado que, embora teoricamente fosse vantajosa a reunião das diversas operações, “só a prática poderá dizer se há realmente vantagem (...), e se ela não sacrifica algumas das fases do preparo”.³² A máquina Hargreaves era utilizada por cafeicultores de São Paulo e Minas Gerais.³³

Informações obtidas em outras fontes indicam que o moderno, representado pelas máquinas agrícolas, era realidade apenas para uma diminuta parcela da classe proprietária de terras e escravos no Brasil, responsável pelas alterações introduzidas no quadro “rotineiro” da agricultura brasileira. Para esses ilustrados e progressistas proprietários, essa situação era o resultado da “ignorância”, do desconhecimento ou da relutância do agricultor para com o uso das máquinas, dos novos métodos de cultivo e de preparo do solo. A difusão no país desses símbolos do progresso e da modernidade permanecia restrita a alguns grandes proprietários. Os pilões, movidos manualmente, os terreiros de secagem e os métodos rotineiros de cultivo se encontravam ainda bastante disseminados.

Ina Von Binzer, uma educadora alemã e arguta observadora da vida brasileira, que viveu no país entre 1881/83, se refere à existência de “salas de

município brasileiro do café, 1850-1900, Rio de Janeiro, 1990, pp. 277-8; Almir Pita Freitas Filho, “Aspectos da Modernização Agrícola nas Exposições Nacionais da Segunda Metade do Século XIX (1861-1881),” *Revista Brasileira de História*, São Paulo, 22, pp. 71-92.

30 Associação Industrial, *Catálogo*, *Op. cit.*, p. 58.

31 *Idem, ibidem*, p. 60; *Archivos, op. cit.*, p. LXIX.

32 *Archivos, op. cit.*, p. LXIX.

33 Centro da Lavoura e Comércio, *Breve notícia sobre a Primeira Exposição de Café do Brasil*, Rio de Janeiro, 1882, Quadro nº 5.

máquinas” e de “máquinas descarçadoras especiais” numa fazendo no Rio de Janeiro, onde o café era “estendido para secar sobre um terreiro cimentado”.³⁴

Os mapas relativos às máquinas agrícolas das Províncias presentes na primeira Exposição de Café do Brasil, realizada também em 1881, indicavam um total de 1.145 aparelhos. Destes, 395 eram engenhos de pilões e 221 de tipo-não declarado. Esses dados ofuscavam a existência de quinze máquinas “Brasileira”, vinte “Concassor” e dezenove “Congresso”.³⁵

O depoimento de Luiz Correa de Azevedo fornece a dimensão da época acerca da capacidade de dosar o moderno e o tradicional, o progressista com o rotineiro, por parte da classe proprietária no Brasil:

*Alguns fazendeiros, obedecendo ao impulso civilizador da época, (...) melhoram muito o benefício do fruto do café colhido, ou preparando-o em máquinas de várias qualidades, ou submetendo a seca a processos engenhosos; a parte porém a mais importante, a vida e a fonte de sua fortuna — a cultura do cafeeiro propriamente dita — essa ficou a que era confiada: a escravos e a processos velhos de enxada, de capina e decotes.*³⁶

Texto apresentado na sessão As Exposições Universais e a Representação da Utopia do Progresso, 20/7/1993.

34 Ina Von Binzer, *Os Meus Romanos: alegrias e tristezas de uma educadora alemã no Brasil*, 3ª ed., Rio de Janeiro, 1982, pp. 30-1.

35 Centro da Lavoura e Comércio, *op. cit.*

36 Cf. Stein, *op. cit.*, p. 279.